



“Quando grafito, existo”:O graffiti como dispositivo para a construção da identidade dos jovens numa favela do complexo de Manguinhos, no estado do Rio de Janeiro.

Antonio Nacilio Sousa Dos Santos

**Universidade Federal do Espírito Santo
naciliosantos1@hotmail.com**

Recebido em: 20/03/2024

Aprovado em: 31/12/2024



DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/19843178202202401>



Esta revista está licenciada com uma *Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional*.

Os artigos publicados na Revista Educação, Artes e Inclusão passam pelo *Plagiarism Detection Software | iThenticate*. *Esse artigo ainda não passou pelo software e o arquivo será atualizado*

“Quando grafito, existo”: O graffiti como dispositivo para a construção da identidade dos jovens numa favela do complexo de Manguinhos, no estado do Rio de Janeiro.

O objetivo da pesquisa é o de compreender como a arte do graffiti contribui como dispositivo para a construção da identidade dos jovens no complexo de favelas de Manguinhos, no estado do Rio de Janeiro. A região onde realizou-se a pesquisa, a partir de um estudo de caso, faz parte de (1) um território que congrega quinze favelas. Estudamos o projeto “Brabas Crew”, que atua nesse espaço desde 2017, promovendo a reconfiguração do ambiente, dos espaços abandonados pela sociedade civil e pelo o Estado. A perspectiva do projeto está ancorada na consolidação dos direitos dos sujeitos integrantes através da arte do graffiti. A centralidade teórica analítica está nos estudos de Costa (2005; 2007), Paula e Fravetto (2020) e outros. Utilizou-se o método qualitativo, a partir de um estudo de caso, onde ocorreram entrevistas não estruturadas com os agentes idealizadores. Concluimos que projetos como este tem o potencial de motivar os jovens envolvidos na busca pela expressão dos seus direitos e, conseqüentemente, na construção da sua identidade enquanto sujeito quando expõem, através do graffiti, quem eles são e as necessidades enfrentadas no seu cotidiano e as da favela.

PALAVRAS-CHAVE: Graffiti. Favela. Jovens. Identidade.

“When graffiti, it exists”: Graffiti as a device for constructing the identity of young people in a favela in the Manguinhos complex, in the state of Rio de Janeiro

The objective of the research is to understand how graffiti art contributes as a device for the construction of the identity of young people in the Manguinhos favela complex, in the state of Rio de Janeiro. The region where the research was carried out, based on a case study, is part of (1) a territory that brings together fifteen favelas. We studied the “Brabas Crew” project, which has been operating in this space since 2017, promoting the reconfiguration of the environment, of spaces abandoned by civil society and the State. The project's perspective is anchored in the consolidation of the rights of the participating subjects through the art of graffiti. The analytical theoretical centrality is in the studies of Costa (2005; 2007), Paula and Fravetto (2020) and others. The qualitative method was used, based on a case study, where unstructured interviews took place with the idealizing agents. We conclude that projects like this have the potential to motivate young people involved in the search for the expression of their rights and, consequently, in the construction of their identity as a subject when they expose, through graffiti, who they are and the needs they face in their daily lives and the from the favela.

KEYWORDS: Graffiti. Slum. Young people. Identity.

Introdução

Diante de uma diversidade de espaços abandonados, muros “sem cor” e, conseqüentemente, “sem vida”, observou-se a oportunidade de utilizar esses lugares para “dar vida” e visibilidade às expressões cotidianas vividas por jovens da favela do Nelson Mandela, do complexo de Manguinhos, no estado do Rio de Janeiro, através da arte do graffiti[1].

Com o passar dos dias, as superfícies de concretos descuidadas passaram a receber formas através de cores que ditam as experiências de vida daqueles que moram na favela. Essas manifestações expõem peculiaridades da cultura local e fala sobre vontades, pertencimentos, relações e necessidades individuais e coletivas para quem vive em um local onde a palavra cidadania é um sonho distante.

A manifestação artística do graffiti na favela, diferentemente de regiões que possuem outras características, não é vista ou entendida como uma violação ou vandalismo (PAULA; FRAVETTO, 2020). Pelo contrário, é tida como uma ação necessária para requalificar superfícies sujas, pois a maioria das famílias residentes nestes lugares não possuem dividendos[2] para comprar latas e pinceis de tintas para imprimir a arte do graffiti em locais tidos como “abandonados”.

São vários os fatores que implicam e dão novas dimensões ao cenário das favelas. Essas mudanças podem ser de ordem interna, ou seja, através das mobilizações dos interesses dos moradores locais como ocupações e construções denominadas de “irregulares”; ordem externa, por exemplo, a “interação” entre o Estado através dos conflitos armados com as facções que dominam esse espaço. Somam-se a isso, os fatores de ordem natural, também causadores de mudanças no cenário das favelas cariocas: através de enchentes, queda de árvores, chuva, sol. Muitos são os agentes que contribuem para uma diversidade de contexto que oportunizam o uso do graffiti na favela.

Desse modo, o objetivo da pesquisa é evidenciar a importância que o graffiti possui para a manifestação dos atravessamentos e experimentações que os jovens da favela do Nelson Mandela, do complexo de Manguinhos, no estado do Rio de Janeiro, utilizam para expressar seu cotidiano na busca pela construção da sua identidade. Dito isso, em um cenário onde o Estado é ausente e os sujeitos que vivem nesses territórios são invisibilizados, a arte pode preencher um espaço da falta de políticas públicas para os moradores.

Dessa forma, pesquisamos os sentidos que o projeto “Brabas Crew” vem desenvolvendo com jovens dessa favela e como eles estão ressignificando seu olhar através dessa iniciativa no que diz respeito à importância da construção da sua identidade como sujeito que possuem direitos. Assim, o artigo está dividido da seguinte forma: a) exposição da metodologia utilizada para o apanhado empírico, descrevendo o contexto localizado, isto é, o complexo das favelas de Manguinhos; b) no segundo tomo esclarecemos a diferenciação entre a *arte de fazer*^[3] graffiti e a pichação, uma vez que o senso comum compartilha essas formas de expressão como se fossem sinônimas; c) além disso, é preciso tensionar nesta parte, a discussão de que o graffiti é uma arte que deve ser respeitada igualmente as demais manifestações expressivas do indivíduo; d) a importância do projeto “Brabas Crew” para a população local, isto é, para os jovens da favela do Nelson Mandela, do complexo de Manguinhos e, e) posteriormente, a contribuição desse estudo para a transformação dos sentidos que os sujeitos envolvidos possuem de si, dos seus direitos e da favela onde mora.

[1] Usaremos a palavra “graffiti” com dois “f” para representar a origem da palavra que é italiana.

[2] Somos cientes que a grande maioria da população que mora em favelas são pessoas que estão em situação de vulnerabilidade social.

[3] A expressão “arte de fazer” foi cunhada pelo teórico Michel D’Certeau (2014) sobre práticas cotidianas realizadas pelas pessoas. Ato tido como banais, do dia a dia, na visão do teórico, são tão importante quanto eventos coletivos. Ver referências.

2 METODOLOGIA

A metodologia são os passos que são dados para a obtenção do material empírico, afirma Santos (2018). Para Minayo (2016), a pesquisa qualitativa só existe se o evento ou fato social ocorreu na realidade. Desse modo, como o objeto pesquisado é um projeto em desenvolvimento, conforme a autora, eles são qualificados como uma pesquisa qualitativa, onde são requeridos aspectos subjetivos como os sentidos e significados da arte de fazer graffiti por jovens na favela do Nelson Mandela, no complexo de Manguinhos, no estado do Rio de Janeiro.

Para isso, fizemos uso da pesquisa bibliográfica sobre a temática do graffiti e sua importância para quem faz uso desta arte como repertório das suas vivências e atravessamentos sociais que enfrentam no cotidiano. A consulta dos trabalhos científicos deu-se através de periódicos nacionais e internacionais, onde priorizou-se as publicações mais recentes.

Além disso, foi realizado estudo de campo para observar de perto, isto é, através da *observação direta*, as ações praticadas através do projeto “Brabas Crew” ou, como também gostam de serem chamadas, “as minas do graffiti”[1]. Dito isso, estivemos atentos como o graffiti pode contribuir na vida desses sujeitos que moram no complexo de favelas de Manguinhos, onde não existem políticas públicas disponibilizadas pelo Estado.

Foi utilizada entrevista não estruturada, tendo em vista que o ambiente da favela é dinâmico (COSTA, 2005; 2007), com pessoas que diferenciam-se no aspecto da sexualidade, raça e posição econômica. O objetivo da entrevista foi na busca da compreensão da arte do graffiti como gerador de transformações dos sentidos e significados que os componentes deste projeto possuem sobre seus direitos, conseqüentemente, na visão que possuem da sua identidade.

[1] A maioria dos jovens que fazem parte do projeto “Brabas Crew” é do sexo feminino. Com o passar do tempo, várias pessoas, de diferentes idades, homens e mulheres integraram o coletivo.

As perguntas foram realizadas diretamente nos locais onde estavam executando a arte do graffiti, ou seja, *in loco*. À medida que sucediam as intervenções em muros, casas abandonadas ou mesmo em residências onde existiam moradores, avançávamos na conversa para obter informações que pudessem melhor descrever a contribuição do graffiti na vida dessas pessoas e para a favela.

Ao depararmos com os trabalhos sendo realizados, foram registrados, em fotografias, as intervenções. Algumas delas estão contidas ao longo do artigo e possibilita-nos estudá-las textualmente, ou seja, interpretá-las com o objetivo de analisar compreensivamente os sentidos e significados das artes pinceladas.

Como já dito acima, o estudo ocorre em um lugar localizado, ou seja, na favela Nelson Mandela do complexo de Manguinhos, no estado do Rio de Janeiro. Desse modo, é preciso conhecer um pouco da história dessa favela que é o contexto onde a pesquisa foi desenvolvida.

2.1 CONHECENDO O COMPLEXO DE FAVELAS DE MANGUINHOS

De acordo com Teixeira (2020), o bairro de Manguinhos é proveniente de uma ocupação que ocorreu ao longo do século XX. Com a criação das cidades industriais, as pessoas mais vulneráveis, que compunha a mão de obra barata, passaram a ocupar as regiões próximas dos centros urbanos. A denominação “Manguinhos” advém da descrição do local, isto é, lugar que possui manguezal. Contudo, os mangues que abrangiam essa região foram aterrados por lixos e materiais provenientes das obras de urbanização.

Segundo Maria e Gama (2013), as favelas eram qualificadas como um ambiente que deveria ficar à margem da cidade, totalmente excluída dos equipamentos públicos como uma “zona de afastamento” das áreas tidas como “nobres”. Por não possuírem condições financeiras, as habitações das favelas eram precárias, nos mais diversos aspectos[1].

[1] Quando nos reportamos aos diversos aspectos de precarização das moradias das favelas estamos a falar sobre a falta de saneamento básico, água potável, bem como a ausência de uma estrutura concreta básica das próprias residências para um convívio saudável.

IMAGEM I – Mapa do complexo de Maguinhos.



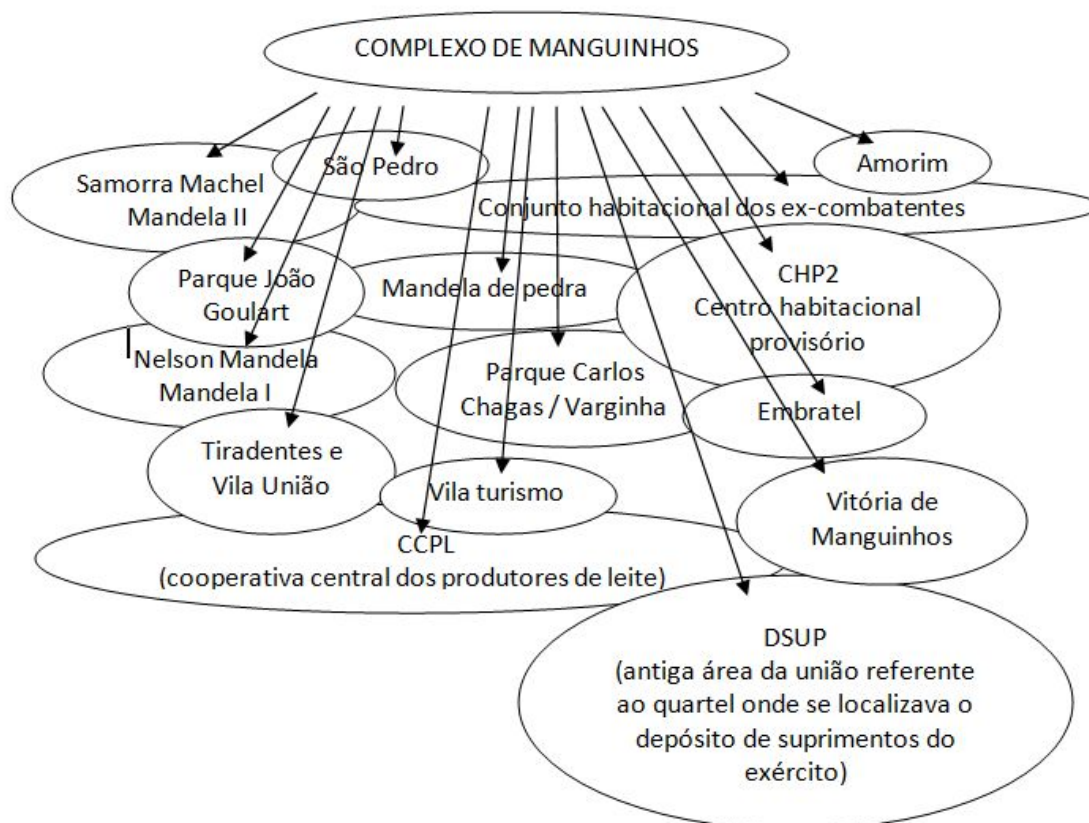
Fonte: Projetar Manguinhos (2023).

O complexo de Manguinhos é cercado por duas vias principais de acesso a cidade do Rio de Janeiro. A via denominada de “linha amarela” que está grifada na cor rosa no mapa é uma delas. A outra, por sua vez, chama-se “avenida Brasil” que está pintada com a coloração azul. No centro do complexo, há a avenida “Leopoldo Bulhões” que passa no “coração” de Manguinhos que está assinalada com a cor marrom. Esta, no que lhe diz respeito a partir das entrevistas com os moradores que faz parte do projeto “Brabas Crew” é conhecida como “faixa de gaza” do complexo de Manguinhos, denominação oriunda dos muitos conflitos armados que ocorrem nessa região. A centralidade desta via faz com que viabilize um fluxo grande de transportes, diariamente, uma vez que possibilita acesso as localidades do Benfica, em São Cristóvão, pertencente à cidade do Rio de Janeiro.

Há, na área que abrange o complexo de Manguinhos, destacada na cor vermelha do mapa, uma diversidade de rios que deságuam na baía de Guanabara (recôncavo oceânico que divide as cidades do Rio de Janeiro e Niterói). Temos, por exemplo, os rios “Faria Timbó”, “Jacaré” e o “Canal do Cunha”. Todos eles sofrem com o descuido proveniente do descarte de lixo e dos esgotos das favelas e das demais regiões da cidade[1]. Sem uma política pública de preservação dos afluentes, com lixos nas margens e transbordando a céu aberto, vê-se um intenso assoreamento que contribui para constantes alagamentos na região.

[1] Para mais informações sobre a situação dos rios do complexo de favelas de Manguinhos e seu descuido, ver: <https://rioonwatch.org.br/?p=65284>.

GRÁFICO I – Conjunto de comunidades que compõem o Complexo de Manguinhos.



Fonte: Criação do autor (2023).

Como pode ser observado e lido acima, o complexo de Manguinhos é composto por quinze (15) favelas. A montagem contém o nome de cada favela e sua disposição, proximidade entre uma e outra, espelhando a realidade do complexo. O cotidiano e a aproximação entre elas faz “retirar a barreira geográfica” que separam as favelas. Além disso, um observador iniciante, que não conhece o trânsito corrente do dia a dia, não saberá distinguir em qual favela ele se encontra, dado as características similares que há entre muitas delas. No entanto, os moradores – e aqui estamos nos reportando aos integrantes que fazem parte do projeto “Brabas Crew” – por viverem nesses espaços, conhece facilmente onde uma favela começa e a outra termina. Para Lefebvre (1973) o espaço social é constituído de elementos importantes e simbólicos que compõem o imaginário dos indivíduos. Desse modo, os moradores das favelas estão em sintonia com esses elementos a ponto de saber distingui-los através da sua vivência.

3 GRAFFITI E A PICHANÇA: INTERVENÇÕES QUE NÃO SÃO SINÔNIMAS A PARTIR DO OLHAR TEÓRICO

“É preciso entender que não podemos colocar essas intervenções no mesmo saco porque não são iguais!”[1]. Foi essa a afirmação que ouvimos quando estivemos próximos das pessoas que fazem parte do projeto “Brabas Crew”. Há, com relativa facilidade, a apreensão de que os grafiteiros não querem, em hipótese alguma, serem comparados com as pessoas que realizam intervenções urbanas através da pichação, isto é, os pichadores.

Costa (2005) vai dizer que a pichação, mais conhecida nos centros urbanos por ocupar grande parte das paredes, monumentos históricos, estátuas, desenvolveu-se a partir da década de 80 e se diferencia do graffiti por utilizar de forma completa – do início da intervenção até a conclusão – do uso do spray. Além disso, como elemento diferenciador é preciso afirmar que é uma manifestação de arte abstrata, muitas vezes não entendida ou compreendida aos olhos da maioria da população.

Essa incompreensão por parte da população leva a “marginalização da arte da pichação”, afirma Costa (2005). É uma manifestação abstrata que utiliza, na sua expressividade, de rabiscos ou letras não identificáveis. Contudo, muitas pessoas veem a pichação e o graffiti como sinônimos, justamente por utilizarem os mesmos espaços, isto é, paredes, muros, portões, prédios abandonados.

As duas artes demonstram e revelam os atravessamentos que os autores vivenciam no cotidiano, de modo individual ou expressivo do seu grupo social. A pichação, por exemplo, afirma Lima e Moraes (2000) pode ser representada como tipo de poesia de rua e do movimento marginal. Marginal não no sentido de marginalidade, criminalidade. Mas sim, porque são sujeitos que estão à margem, nas bordas, nas franjas da sociedade, sobrevivendo e impelindo sua identidade através desta arte para ser vista e sentida pela sociedade.

Contudo, por usar recursos e caracteres não popularizados e até enigmático, a pichação pode ser vista como uma fala distorcida (COSTA, 2005). Isto é, a grande maioria da população observam essas intervenções como práticas ilícitas aos “olhos da lei”, caracterizadas, muitas vezes, como vandalismo. É bem verdade que essa intervenção é, de certo modo, tensionada entre o que é legal e o que é ilegal, explorando as implicações éticas e sociais

[1] Fala de um dos integrantes do projeto “Brabas Crew”.

Ainda sobre as reflexões de Costa (2007), para a pichação, todo espaço pode ser estampado com o desejo de quem busca incorporar seus anseios, vontades, sonhos e frustrações. Acreditamos que este é mais um dos elementos que distingue a pichação do graffiti. Além disso, pontua Siqueira, Felix e Regina (2021) que essa arte de fazer existir através da pichação ocorre em locais onde muitas vezes não há permissão da intervenção, isto é, não existe o consentimento do dono do espaço privado ou anuência do poder público para que essa manifestação seja pincelada.

Siqueira, Felix e Regina (2021) afirmam também que a pichação é uma forma de transgressão, de dizer que existem vozes que são deixadas à margem da sociedade. Sendo assim, não existem leis, normas e nem proibições que limitam a pichação, uma vez que sendo praticada de maneira deliberativa, partindo apenas da vontade do autor, essa arte está fora dos limites aceitos pela lei do Estado.

Já Lima e Moraes (2000), atestam que a pichação traduz uma renovação significativa no que diz respeito a atos de liberdade de expressão e oposição, tendo como resultado conferida relutância às determinações estabelecidas pelo Estado. Os autores que utilizam dessa arte, na sua grande maioria, buscam dar visibilidade a sua existência que é invisibilizada pelo Estado, através dos serviços, ações e políticas públicas inexistentes para esses sujeitos.

O graffiti, por sua vez, afirma Paula e Fravetto (2020) está presente na sociedade desde o período da pré-história através das gravuras feitas por antigas civilizações. Esta ação era realizada em rochas, cavernas, entre outros lugares que podem ser consideradas como as primeiras manifestações do que hoje denominamos de graffiti, afirma Costa (2007).

De acordo com Lima e Moraes (2020) o graffiti, assim como a pichação, é um fragmento literário existente na poesia de rua. Diferentemente da pichação, a arte de fazer graffiti possui uma visão menos preconceituosa, dada as características que a diferencia da outra intervenção, por exemplo: a linguagem é de fácil assimilação por parte da população; estão presentes em espaços abandonados e, quando existentes em espaços onde possuem proprietários, ocorre um pedido para que a intervenção possa ocorrer. Além disso, o conteúdo do graffiti em espaços privados necessita da anuência do dono do imóvel para utilizar paredes residenciais, prédios abandonados ou não, bem como monumentos públicos. Soma-se a isso, o seu conteúdo: forma, grafia, cores e relevos. Em outras palavras, essa ação interventiva que ocorrem em vários espaços passou a ser considerada uma arte.

Costa (2007) diz que o graffiti foi extensivamente divulgado através do denominado *hip-hop*, em meados de 1970 na cidade de Nova York, nos Estados Unidos. Acredita-se, naquela época, não existir distinção entre o graffiti e a pichação no país. Entretanto, conforme Campos (2013), diferentemente da pichação, ocorreram ações que buscavam evidenciar o graffiti como uma arte urbana. Para isso, criaram eventos alusivos a disseminação dessa arte nos Estados Unidos.

Como toda forma de manifestação artística, o graffiti passou a ter o contorno dos acontecimentos que estavam e estão na pauta da sociedade. Ou seja, o conteúdo das intervenções ganhou o desenho dos assuntos que versam sobre política partidária, meio ambiente, direitos sociais, identidade, classe social, renda, raça, gênero, entre outros. Isso quer dizer que o graffiti tornou-se um meio de expor as correlações de forças que estão presentes nos interesses entre as classes.

Paulo e Fravetto (2020) vão dizer que o graffiti pode ser visto como uma forma de resistência e mobilização social através da arte de dizer através das suas formas, pinturas e cores. Lima e Moraes (2020) destacam que essa manifestação que ocorre em maior quantidade nos prédios e muros das grandes cidades, onde podem alcançar melhor visualização, proporciona uma forma de comunicação com a sociedade pedestre e promove um diálogo, uma relação com a sociedade civil e o Estado, ganhando afeição das pessoas a imagem-símbolo projetada.

Urbanisticamente, Costa (2007) vai dizer que o graffiti nas grandes metrópoles passa a surgir a partir do momento que as divergências impulsionadas pela população conservadora com poder aquisitivo se manifestam contrárias aos interesses das classes menos abastadas. Esta, através dessa linguagem artística, como manifestação coletiva dos anseios da sua classe, utiliza-se do graffiti para expor o descontentamento, as disparidades sociais e econômicas, bem como ideológica e política.

Contudo, a expressão do artista grafiteiro passa a ser apropriada por todas as camadas sociais, com diferentes objetivos. Além disso, essa arte passa a ser mercantilizada e, conseqüentemente, empresas, organizações governamentais, instituição filantrópica, bem como as universidades, verificam o potencial artístico a ponto de começar a estudá-la criando um conjunto de conceitos e preceitos delineando os movimentos que a arte do graffiti vai ganhando ao longo do tempo. Costa (2007) e Fetter (2018) vão dizer que o graffiti passou a ser um produto como outro qualquer nas mãos das empresas: padrão de produção, divulgação, consumo dos produtos ou serviços definidos como artísticos por parâmetros, padrões e normas da arte para um dado segmento da sociedade. Logo, percebeu-se quão lucrativo é o graffiti que passou a estar presente em veículos automotores, roupas, calçados, interiores de residências, paredões de prédios de multinacionais, vagões de trens e ônibus, bem como inúmeros objetos multiusos.

No entanto, a arte do graffiti não deixou de ser uma manifestação das classes periféricas da cidade, que a utilizam para expressar quem são, as mazelas que sofrem diariamente, os direitos sociais subtraídos ou que nunca existiram concretamente, além de ser um elemento identificador representativo da identidade do grafiteiro.

4 O PROJETO “BRABAS CREW”: “QUANDO GRAFITO, EXISTO”

O projeto denominado de “Brabas Crew” ou, “Minas do graffiti”, como também gostam de serem chamadas, surgiu há aproximadamente sete (7) anos. A idealização começou a partir do contato dos jovens moradores da favela Nelson Mandela, do complexo de Manguinhos, com grafiteiros da favela da Rocinha, no Rio de Janeiro.

A partir da experiência vivida por uma jovem da favela do Nelson Mandela, do complexo de Manguinhos, que denominaremos com a sigla A1[1], muitas outras passaram a ter contato com essa arte de fazer. Conjugando forças, oriunda da própria vontade das jovens da favela, começaram a desenvolver intervenções através da arte do graffiti.

[1] Os entrevistados do projeto “Braba Crew”, mesmo dando o aval para a utilização dos seus nomes, usaremos siglas para sua identificação como A1, A2, A3 e, assim, sucessivamente.

As “Minas do graffiti”, como são conhecidas na favela, são representantes do movimento feminino tendo como espaço de exposição do seu trabalho intervenções em locais abandonados como casas, prédios, muros “sujos” e residências com moradores que dão o aval para a projeção da arte. O conteúdo trabalhado é variado, mas conjugam forças com temas a respeito da identidade da mulher pobre, negra e periférica. Além disso, expõem nas suas gravuras situações onde a população da favela carecem dos direitos sociais, diferentemente de outros espaços da cidade.

Em tempo, no início do projeto, além da perspectiva das questões que atravessam especificamente as mulheres da favela, o projeto foi delineado para contribuir com o desenvolvimento local da comunidade, por exemplo, como *“grito da exclusão que sofremos todos os dias por sermos moradores de uma favela”*, cita a integrante A1.

Muitos grupos de graffiti utilizam a grafia “crew”, de acordo com Zimovski (2017), para indicar que são “crias do graffiti”. Desse modo, os integrantes buscam criar laços de pertencimento entre eles, igualmente como ocorre numa família, entre irmãos e irmãs, estabelecendo laços de confiança.

O projeto é realizado pelos integrantes da favela do Nelson Mandela. Em outras palavras, os materiais para uso das intervenções são adquiridos através das ações na própria comunidade, por exemplo, bingos, rifas e vendas de comidas realizadas por seus componentes. Comentam que vez ou outra um turista, ao visitar a favela, faz doações em dinheiro para que o projeto continue em desenvolvimento. Neste sentido, o projeto “Brabas Crew”, no *“início da sua idealização passou por grandes dificuldades”*, afirmam.

De modo geral, o projeto sobrevive de doações, sobretudo de parceiros locais que são pessoas físicas e empresas que contribuem para a manutenção das oficinas através dos donativos de matérias para o graffiti, que são: latas de tintas látex, spray, bandejas para tinta, espátulas, lixas, pinceis e rolos para pintura.

IMAGEM II – Materiais do projeto “Brabas Crew” para o desenvolvimento da arte do graffiti.



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

As tintas adquiridas por doações são depositadas em garrafas pet, em suas diversas cores e distribuídas aos participantes no ato das oficinas. A obtenção dessa material é proveniente da contribuição de parceiros, que são pessoas físicas, bem como empresas de tintas. Além disso, com o passar do tempo e obtendo informações com outros coletivos no que diz respeito a aquisição de matérias para o desenvolvimento do projeto, passaram a emitir propostas nos editais municipais, estaduais, nacional e no exterior. Os idealizadores comentam que os editais a nível de país e no exterior, ocorrem anualmente, estando disponível para o cadastramento do projeto “Brabas Crew” apenas uma vez a cada doze meses. Outros editais, por sua vez, anunciam periodicamente conforme disponibilidade das fundações ou prefeituras. Contudo, enfatizam que o coletivo se mantém, na maior parte do orçamento, através das doações.

Com o decorrer do tempo e a visibilidade que o projeto e o seu conteúdo iam ganhando notoriedade na favela, tiveram a adesão de mais pessoas, mulheres e homens, de todas as idades que passaram a ser integrantes da proposta interventiva. Os que possuíam conhecimento acadêmico passaram a dar aulas e palestras para os mais jovens sobre temas que implicam na vida diária de cada um deles. Dito isso, ao mesmo tempo que divulgavam e ensinavam a arte do graffiti, palestras educativas eram realizadas com o objetivo de transformar a vida dos novos integrantes.

Dentre os temas abordados nas instruções educativas, temos, por exemplo, a prevenção da gravidez precoce entre os jovens, uma vez que esta é uma realidade confirmada por pesquisas que apontam que a desinformação é um dos quesitos para que esse segmento sejam mães e pais na adolescência, segundo Luiz et all (2021)[1].

[1] Segundo Luiz et all (2021) a gravidez precoce está relacionada a baixa escolaridade, baixa renda familiar e a falta da cobertura de projetos e programas da saúde que são insuficientes nos espaços de exclusão como são os das favelas.

Além disso, com o processo de mercantilização do graffiti, começaram a criar artes para a venda como forma de suprir os gastos com os materiais e, também, uma forma de renda para os integrantes do grupo.

Com efeito, a partir das vendas das artes que eram realizadas sobre tela, contribuiu para auxiliar os jovens integrantes considerados inativos no mercado de trabalho por falta de qualificação. Sobre esse aspecto, passaram a aprender a arte do graffiti para comercialização para empresas, fachadas de comércio, salas comerciais, interiores de casas. Em verdade, o graffiti passou a ser um mecanismo de inclusão social para muitos adolescentes e jovens da favela do complexo de Manguinhos.

O projeto “Brabas Crew” diversificou o seu público: no início eram apenas adolescentes mulheres, com o tempo, crianças, adolescentes homens, adultos homens e mulheres passaram a ser integrantes. Com a perspectiva de mudar a vida dos que vivem na favela, os idealizadores criaram um espaço e um momento/tempo para estarem com as crianças. Com estas, realizam oficinas de incentivo a leitura e, na prática, os desafiam a realizarem atividades de graffiti a partir do que captaram na interpretação dos textos.

IMAGEM III – Oficina de leitura e prática da arte do graffiti com crianças da favela.



Fonte: Dados da pesquisa de campo (2023).

Além disso, as crianças da favela do Nelson Mandela são incentivadas a continuar as atividades nas instituições de ensino, uma vez que é um pré-requisito para estarem no espaço do projeto “Brabas Crew”, afirmam as idealizadoras. Para as crianças e os adolescentes, o graffiti se tornou uma forma de integração e pertencimento ao local onde moram, uma vez que o conteúdo trabalhado, tanto das intervenções do graffiti, quanto das aulas e palestras versam sobre o seu cotidiano e os direitos sociais[1] que eles possuem enquanto cidadão.

Desse modo, o graffiti colocado em prática pelo projeto é uma expressão artística que refletem questões sociais, políticas e culturais. Essas ações, de maneira objetiva, ao trazer o cotidiano onde vivem e suas expressões que atravessam seus moradores são importantes ferramentas de criação da identidade dos sujeitos envolvidos, explorando descontentamentos e aspirações, especialmente quando coloca em prática a arte de fazer graffiti.

Em verdade, ao se reconhecerem como sujeitos que possuem direitos, mas que são invisibilizados pelas políticas públicas do Estado, o projeto caminha auxiliando na formação do cidadão, à medida que lhe são repassados valores através da arte de fazer graffiti, aulas e palestras. Com efeito, essas ações auxiliam na relação familiar, no rendimento escolar, na prática do respeito e educação enquanto interação com as demais pessoas que fazem parte do mesmo lugar de pertencimento.

De fato, o projeto “Brabas Crew” auxilia *“na construção da identidade de pessoas guerreiras, mulheres, homens, crianças e adolescentes que lutam por seus objetivos e um futuro melhor”*, afirma a idealizadora A1. O graffiti, conforme Paula e Favretto (2020), frequentemente refletem identidades culturais específicas como expressão pessoal. Por exemplo, os integrantes do projeto incorporam elementos de sua herança étnica, cultural ou histórica em suas obras, afirmando e celebrando suas origens.

[1] Uma das oficinas que deteve bastante atenção diz respeito à leitura e compreensão do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) de 1990. Com o objetivo de fazer com que as crianças e os adolescentes saibam que eles são sujeitos que possuem direitos e podem reivindicá-los através de diversas maneiras (SANTOS, 2019), o projeto “Brabas Crew” contribui para que esse segmento da sociedade saibam que são cidadãos.

Lucas e Lobo (2000) vão dizer que o graffiti aparece inicialmente como instrumento de enfrentamento político nos ambientes da periferia do Brooklin, na cidade de Nova York por volta da década de 1970, nos Estados Unidos. Assim como fazem os integrantes do projeto da favela do complexo de Manguinhos, naquela época, a juventude, negra e pobre, utilizava essa arte para reivindicar seus direitos e sua existência como cidadãos, expressando suas vontades por liberdade de expressão, igualdade racial e locomoção por todo o território.

Por mais que o graffiti, hoje, seja uma forma de expressar arte, ainda assim, há muita discriminação para com os grafiteiros, principalmente os que moram em favelas como no caso em estudo. Paula e Favretto (2000) afirmam que o graffiti, não diferente de outras manifestações de arte, também está sujeito a preconceitos. Se para um pequeno número de pessoas é notório a natureza artística do graffiti, para outros, a aplicação deste tipo de manifestação é sem propósito, inútil, poluindo visualmente a cidade.

Contudo, mesmo diante das adversidades enfrentadas pelo uso da arte que expressa à vida dos sujeitos grafiteiros, o projeto “Brabas Crew” se desenvolve a partir de uma linguagem comunicacional visual com os moradores da favela e com as pessoas que passam pelos espaços onde detêm as intervenções. Neste ato, empresta vozes para os muros pacificando a linguagem e imprimindo seus anseios (PAULA; FRAVETTO, 2020).

Os artistas grafiteiros, como podem ser visto na imagem abaixo, nesse estudo de caso, são pessoas que se referenciam nas experiências e experimentações de um cotidiano-comum, isto é, a favela onde moram. Suas obras se tornam parte do tecido da comunidade, por exemplo, ao criarem murais que representam a comunidade local, suas lutas e triunfos, gerando um senso de pertencimento entre os residentes.

IMAGEM IV – Jovens e adultos expressando suas aspirações em murais.



Fonte: Dados da pesquisa de campo (2023).

As imagens que são trabalhadas no quadro acima reportam mulheres de diversas cores, diferentes tipos fenótipos de cabelo e demais aspectos visuais como o rosto e o corpo. A rigor, estão expondo os sujeitos que moram na favela, na sua maioria, pretos e pardos. É esta a realidade do lugar onde moram, onde podemos denotar que o graffiti está sendo usado para além da revitalização dos espaços, também como forma de empoderamento e autoafirmação daqueles que vivem em locais marginalizados. É uma arte que dá voz àqueles que são ignorados ou sub-representados, permitindo que afirmem sua existência e demandem reconhecimento, afirma Paula e Fravetto (2020).

“É um trabalho de persistência”, comenta uma das idealizadoras. O trabalho com graffiti visa construir um nome, uma marca na favela Nelson Mandela, no complexo de Manguinhos. Este trabalho possibilita o reconhecimento do grafiteiro e dos moradores como sujeitos que possuem direitos e devem ser respeitados. Além disso, as intervenções que são expressões de quem são torna-se num meio de auto-estima individual e coletiva. Para Machado (2020), o graffiti é um tipo de manifestação e os grafiteiros são os ativistas na luta pelo discernimento do ser humano e seus direitos.

Para Batista, Serafim e Graciela (2020), no graffiti permanece a natureza de censura, desaprovação, confrontação e denúncia. Nele se sobressaem as atemorizações que estamos expostos todos os dias como a agressão física ou verbal, desocupação no mercado de trabalho, a diferença social, racial e econômica.

IMAGEM V – Representação da mulher negra na favela do Nelson Mandela, no complexo de Manguinhos.



Fonte: Dados da pesquisa de campo (2023).

Como já mencionado acima e como pode ser observada nesta intervenção, a arte do graffiti expressada busca o empoderamento e autoafirmação das mulheres que sofrem vários tipos de preconceitos e violências, diariamente, por serem negras ou pardas. De fato, o graffiti no projeto “Brabas Crew” é utilizado para representar subculturas marginais ou grupos minoritários que buscam voz e visibilidade.

Segundo Vermes (2020), o graffiti permite que artistas negros criem narrativas visuais que desafiam estereótipos raciais e a discriminação. Ao retratar imagens positivas de pessoas negras, os grafiteiros podem subverter imagens midiáticas negativas, promovendo uma representação mais diversa e complexa de suas comunidades.

Além disso, conforme entrevista com os idealizadores do projeto, os artistas utilizam os murais para homenagear vidas negras perdidas e ao racismo sistêmico. Essas obras servem como memórias públicas, provocando reflexão, diálogo e, em muitos casos, ação política.

Portanto, de acordo com Paula e Favretto (2020), o graffiti pode transformar espaços urbanos em locais de empoderamento para a comunidade negra. Murais podem refletir a cultura, a história e as aspirações dos negros, transformando espaços físicos em expressões de identidade e pertencimento.

Desse modo, Batista, Serafim e Graciela (2020), vão dizer que os grafiteiros negros e negras frequentemente incorporam elementos da cultura afriacana ou afro-diaspórica em suas obras como padrões, símbolos e histórias. Isso não apenas celebra a riqueza cultural, mas também afirma uma identidade coletiva frente às narrativas de marginalização. O ato de pintar suas vivências e experiências em espaços públicos, especialmente em comunidades sujeitas à vigilância e controle excessivos, é em si uma forma de resistência. Essas expressões artísticas desafiam as dinâmicas de poder ao reivindicar espaços urbanos e usar a arte para comunicar mensagens políticas e sociais urgentes.

Dito isso, ao olhar a intervenção acima, os moradores do complexo de Manguinhos se reconhecem como sujeitos e cidadãos que necessitam serem respeitados. Crianças e adolescentes passam a estabelecer elos de ligação entre a arte e sua vida, criando uma consciência de que os imperativos negativos que os atravessam por serem negros, pobres e da favela são oriundos das dinâmicas de poder existentes entre as classes sociais. Desse modo, o graffiti incita o diálogo dentro da própria favela e com o público mais amplo sobre questões que envolvem justiça racial, violência e discriminação. Ao tornar essas questões visíveis, acrescenta Paula e Favretto (2020), de maneira pública e incontornável ao grafitar um muro “a céu aberto” ao lado de uma avenida movimentada, essas intervenções podem ser um ponto de partida para a sensibilização e a possibilidade de reflexão e, conseqüentemente, mudança social.

Em verdade, as expressões publicizadas através desta arte, além de denunciar as injustiças, muitos murais e peças de graffiti celebram a resiliência, a esperança e a solidariedade dentro da “comunidade negra” (PAULA; FAVRETTO, 2020). Essas obras inspiram não apenas resistência contra a opressão, mas uma visão positiva de futuro. Também e, sobretudo, essa arte utilizada por pessoas da favela, negras e pardas, pobres, marginalizadas, torna-se numa ferramenta poderosa de expressão da identidade, luta contra qualquer tipo de preconceito e exclusão, construindo uma narrativa empoderadora que desafia a violência diária a que são submetidos.

A violência é a principal identidade que as pessoas possuem sobre nós, moradores da favela, afirma A1. Com isso, o projeto visa mudar essa visão que possuem dos moradores e do seu cotidiano. O graffiti, dessa maneira, incentiva o diálogo dentro da favela ao trazer questões de violência para o espaço público de maneira visual e impactante. Ao tornar essas questões visíveis, ele pode estimular conversas importantes que, de outra forma, poderiam ser evitadas ou ignoradas (FETTER, 2018).

Esse diálogo na comunidade, com o uso da arte do graffiti usados em espaços abandonados ou não, em murais ou em casas onde há o consentimento do dono do imóvel, abordando explicitamente temas de violência podem aumentar a conscientização e promover uma compreensão mais profunda das raízes e das consequências desses problemas. Desse modo, afirma Luiz e Adriana (2020), ao transformar espaços públicos através da arte do graffiti, indivíduos e comunidades podem reivindicar espaços urbanos que podem ter sido associados à violência, caracterizando-os como sua principal identidade. Essa reivindicação pode alterar a percepção e a utilização desses espaços, promovendo um sentido de pertencimento, segurança e buscando, principalmente, reconfigurar a imagem que possuem dos moradores da favela (LUCAS; LOBO, 2020).

IMAGEM VI – Muro com marcas de tiros sendo preparado para receber a arte através do graffiti.



Fonte: Dados da pesquisa de campo (2023).

Com efeito, espaços marcados pela violência, como o demonstrado na imagem VI, ao introduzir a arte do graffiti, imprimir beleza, mensagens positivas que alteram a atmosfera desses locais marcados pela violência, gerando ambientes acolhedores e seguros. Desse modo, a arte do graffiti, para os jovens da favela do Nelson Mandela, especialmente aqueles em risco de envolvimento com violência e demais práticas ilícitas, pode oferecer alternativas positivas de engajamento, ajudando a desenvolver habilidades, promovendo a expressão e conscientização das suas práticas cotidianas.

Contudo, embora o graffiti sozinho não possa resolver os complexos problemas sociais associados à violência, por exemplo, ele é uma ferramenta valiosa dentro de estratégias mais amplas de engajamento comunitário, prevenção da violência, transformação social e, principalmente, de reconhecimento da identidade dos sujeitos que moram na favela.

5 CONSIDERAÇÕES

A região do complexo de favelas de Maguinhos, no estado do Rio de Janeiro, especificamente a favela Nelson Mandela, necessita da atuação do Estado através de políticas públicas para minimizar os problemas enfrentados pela população residente. Quando nos reportamos aos problemas vivenciados pelos moradores, estamos a falar sobre as questões vivenciadas no âmbito da saúde, educação, moradia, lazer, alimentação, saneamento básico e demais lacunas onde o poder público não se faz presente em espaços como os das favelas.

Diante da ausência do Estado e na inexistência de políticas públicas, a partir do contato entre os jovens que moram em diferentes favelas, surgiu o projeto “Brabas Crew” que, inicialmente, tinha o objetivo estrito de fomentar o protagonismo feminino através da arte do graffiti, mas que foi ampliado para outras questões que atravessam a vida das crianças, jovens e adultos da favela do Nelson Mandela.

Desse modo, o coletivo promove o desenvolvimento local através da colaboração dos integrantes moradores da favela, utilizando intervenções com o uso da arte do graffiti. Conseqüentemente, vem auxiliando no desenvolvimento das crianças, jovens e adolescentes, orientando sobre a importância da educação contínua à medida que se integram no coletivo, adquirindo responsabilidades e aptidão para com o convívio em sociedade. Além disso, promovem o empoderamento da mulher pobre e negra, comprovando que mesmo em áreas favelizadas, podem existir grandes artistas, pessoas comprometidas com seu bairro e com a cidade.

Com o uso da arte do graffiti, o coletivo possibilitou a promoção do diálogo e, conseqüentemente, de consciência de onde vêm os problemas sociais que eles vivem cotidianamente e os por quês de atravessarem fortemente a vida de cada morador da favela. Esse diálogo comunitário começou a ocorrer através das oficinas oferecidas para aprender o ofício da arte do graffiti e, paralelamente, são oferecidas aulas e exposições sobre temáticas que versam sobre a vida dos sujeitos implicados. Desse modo, o coletivo possibilita a tomada de consciência por parte dos seus integrantes e, sobretudo, o reconhecimento da sua identidade como pessoa negra, parda e pobre que mora na favela, mas que possui direitos sociais que devem ser colocados em prática pelo poder público.

Diante da ausência dos seus direitos sociais, da inexistência do poder do Estado, o graffiti tornou-se uma expressão de vozes marginalizadas. Ao exporem suas experiências, experimentações, vivências e ânsias através de intervenções em espaços públicos, abandonados ou em residências com moradores, possibilitou uma forma de dar voz as suas necessidades e dizer quem são.

Além disso, o projeto “Brabas Crew”, da favela do Nelson Mandela, tem como um dos seus objetivos o engajamento e protagonismo juvenil. Ao possibilitar a inserção desses jovens no mercado de trabalho através da arte de fazer graffiti, possibilita-os a não enveredarem pelo caminho da violência. Dito isso, o coletivo demonstra que iniciativas como a sua transformam vidas e modificam o cenário caracterizado e identificado como violento. Desse modo, a arte do graffiti através do projeto “Brabas Crew” é uma iniciativa comunitária que promove a autoconsciência dos integrantes moradores da favela, reconhecendo sua identidade e suas necessidades diante de um contexto adverso.

REFERÊNCIAS

- BATISTA, J. S.; SERAFIM, J. B.; GRACIELA, A. M. F. F. V. O graffiti nas ruas de Cuiabá: uma análise de imagens subversivas. **Revista educação, artes e inclusão**. Santa Catarina, v. 16, n. 3, p. 51-72, 2020.
- CAMPOS, Ricardo. Liberta o herói que há em ti: risco, mérito e transcendência no universo graffiti. **Tempo Social**; revista de sociologia da USP. São Paulo, v. 25, n. p. 205-225, 2013.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 22º ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- COSTA, Luizan Pinheiro. Pichação: Expressionismo Abstrato e Caos Urbano. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, Paraná, v.3, n.6, p.42-53, 2005.
- COSTA, Luizan Pinheiro. **Grafite e pixação: institucionalização e transgressão na cena contemporânea**. III Encontro de história da arte. 2007. Disponível em:<
<https://www.ifch.unicamp.br/eha/atas/2007/COSTA.%20Luizan%20Pinheiro%20da.pdf>> Acesso em: 25 de janeiro de 2023.
- EDUARDO, L. N.; VERMES, M. **Graffiti: arte mestiça do hip-hop abrindo fendas nos territórios urbanos**. 6º Seminário de comunicação e territorialidades. 2020. Disponível em:<
<https://periodicos.ufes.br/poscom/article/view/32552>> Acesso em: 24 fev. 2023.
- FETTER, B. Das reconfigurações contemporâneas do(s) sistema(s) da arte. MODOS. **Revista de História da Arte**. Campinas, v. 2, n.3, p.102-119, 2018.
- HENRIQUES, P. M. O processo de pacificação nas favelas cariocas: elementos para uma crítica. **Research, Society and Development**. [S. l.], v. 10, n. 1, e24410111707, 2021.
- ISER, M. Desrespeito e revolta. **Sociologias**, v. 15, n. 33, p. 82-119, 2013.
- LEFEBVRE, H. **The survival of capitalism**. Allison and Busby, 1973.
- LUIZ, T. C. N. et al. Fatores associados à variação espacial da gravidez na adolescência no Brasil, 2014: estudo ecológico de agregados espaciais. **Epidemiol. serv. saúde**. Brasília, v. 1, e2019533, 2021.
- LIMA, R. B.; MORAES, N. G. Vozes dos muros: uma análise literária da poesia de rua por meio do graffiti. **Travessias**, Cascavel, v. 14, n. 3, p. 114-133, 2020.
- LUCAS, T. L. F.; LOBO, L. M. Traçando notas de conhecimento sobre graffiti, escola e juventudes: uma revisão sistemática integrativa. **Revista amazônica**. Amazonas, v. XXV, n. 2, p. 310-332, 2020.
- LUIZA, R. A. S.; ADRIANA, L. B. Arte urbana e os processos educacionais: o que se pesquisa no Brasil. **Revista digital do lav. Santa Maria**, v. 13, n. 2, p. 326-344, 2020.

MACHADO, I. B. Zine circula graffiti: a produção de fanzine de graffiti na grande Vitória ES. **Revista estado da arte**. Uberlândia, v.1, n. 2, p. 1-21, 2020.

MARIA, T. F.; GAMA, R. R. C. As comunidades de Manguinhos na história das favelas no Rio de Janeiro. **Revista tempo**. Rio de Janeiro, v. 19, n. 34, 2013, p. 117 – 133, 2013.

MINAYO, M. C. S. (2016). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Vozes.

PAULA, A. M. C.; FAVRETTO, G. G. Graffiti e subcultura delinquente: similaridades e diferenças. **Opinião Jurídica**, Medellín, v. 19, n. 39, 2020, p. 331-348, 2020.

PROJETAR MANGUINHOS. (2013). **História de Manguinhos**. Disponível em: <https://projetarmanguinhosunisuaam.wordpress.com/2013/04/13/historia-de-manguinhos/>> Acesso em: 12 Mar. 2023.

SIQUEIRA, B. M. D.; FELIX, F. A. S.; REGINA, V. Z. Nas fronteiras do graffiti e da lei: notas sobre a regulação municipal da arte urbana em cidades do vale do paraíba e litoral norte de São Paulo. **PIXO, Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade**. São Paulo, v.5, n.16, 2021, p. 40-55, 2021.

SANTOS, A. N. S. dos. Mal-estar e utopia democrática: autonomia do conselho tutelar e as consequências para a política pública infanto-juvenil. **Revista Do Instituto De Políticas Públicas De Marília**, 5(2), 117–138. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/RIPPMAR/article/view/8993/6216> 2019.

SANTOS, A. N. S. “**Mal-estares e utopia democrática**”: poder local e autonomia institucional – o caso do Conselho Tutelar do Município de Horizonte – Ceará. 138 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico ou Profissional em 2018) - Universidade Estadual do Ceará. Disponível em: <https://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=82831> Acesso em: 23 de Agosto de 2023, 2018.

TEIXEIRA, R. S. A contribuição do futebol feminino na favela do Mandela ante da falta de políticas públicas. **PRACS: revista eletrônica de humanidade do curso de ciências sociais da UNIFAP**. Macapá, v. 12, n. 3, 2019, p. 125 – 134, 2020.

ZIMOVSKI, A. P. **Escrita subversiva: a pixação paulistana e o campo da arte** (dissertação de mestrado: UFRGS). Repositório UFRGS. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=001062593&loc=2018&l=81883e528bf43878> Acesso em: 30 jan. 2023, 2017.

@revistaeai

revistaeducacao
arteinclusao@
gmail.com

(48) 3321-8314

revista 
eai educação,
artes &
inclusão